

Situação nº 1

[onde está a parede?]

em quatro camadas, imagino os 4 ratos brancos de borracha guardados durante onze anos, mantidos numa espécie de insônia temporária. (mas, eles nunca estão sozinhos, eles se fazem companhia)

antes, a pausa pôde abrir algum sentido, algum rumor entre o chão e a parede.

aqui, a pausa respira outro ruído, outra lentidão?

(4 ou 5 ratos de tocaia, na sombra)

ele (museólogo) sabe como encontrar os ratos escondidos pela casa.

a parede branca é um anteparo que insiste? diante desta parede, diante de um bloco seco e opaco, inerte, o que não se dissipa existe? qual é a espessura dessa parede? qual é o tempo de uma parede? e os buracos pelos cantos? e as tocas vazias? alguém ou algo habita as tocas vagas?

as paredes podem estar penduradas pelo chão.

os ratos podem estar pendurados pelo rabo.

os rabos podem estar pendurados pelos ratos.

as paredes têm ouvidos e não têm pálpebras.

pressinto a parede branca como outra premonição: como um pressentimento roído.

um vazio se arma, está ali, está aqui. um vazio estatelado, dilatado.

o branco é o acidente sempre renovado do deserto (Deleuze).

uma parede branca está aberta ou fechada?

(preciso entrar nessa parede)

(preciso sair dessa parede)

ratos imóveis. 4 focinhos encostados nas paredes de um museu, ou, dentro de um sobrado construído por volta do final do século XVIII ou XIX.

os ratos brancos com olhos vermelhos são *made in china*, por volta do final do século XX.

5 notas de rodapé perdidas pela casa, antes do acontecimento. por volta do final, entre uma interrupção e um paradoxo despreparado, distendido. um paradoxo cansado, mas ainda de pé, com fôlego.

a fadiga dos ratos é quase hipnótica, fissurada, *infra-mince*. os ratos não têm peso e suas posições são imprecisas, físgadas sem serem fixas.